# O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
*Arnaldo Ribeiro*

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 39.° N.° 1933
Sábado, 23 de Março de 1946

VISADO PELA CENSURA


## ASSUNTOS LOCAIS

# O TEATRO AVEIRENSE

**pelo dr. Alberto Souto**

Recordêmos.

Em Abril de 1944, no número 1833 do *Democrata*,—que sempre me deu plena independência de opinião nas suas colunas—começava eu, assim, um artigo a respeito do *Teatro Aveirense*:

«*O fogo foi dominado por agora, mas o rescaldo não terminou ainda.*»

A que fogo me referia eu?

Ao fogo que estivera prestes a consumir a parte de património que a cidade tinha e tem no *Teatro Aveirense* iniciado em 1853 pela Câmara Municipal da presidência de Bento de Magalhães.

Para tal fundação, como verificou nas actas da Câmara o presidente dr. Francisco Soares, (vide *Correio do Vouga* de Março de 1944), recebeu-se até uma dádiva do Estado.

A Câmara era misérrima. Os anos volveram sem se erguerem as paredes, quanto mais o pano, e a edilidade recorreu ao trabalho braçal e contributo voluntário dos habitantes da cidade que, por si ou por trabalhadores seus, cimentaram com suor e dinheiro os alicerces do edifício.

Continuavam as dificuldades do erario e a Câmara não podendo só por si arcar com a despesa, resolveu lançar um apêlo aos amigos de A eiro mesmo de fora de Aveiro.

Fez-se uma verdadeira subscrição pública cujos recibos foram acções de uma sociedade, desta forma concorrendo para a fundação, as pessoas reais, os políticos em evidência, literatos e artistas, nomes do comércio e pessoas gradas da terra e do distrito e de fora da terra, e gente humilde que quiz ajudar essa obra de recreio, diversão e cultura artística do então muito pobre, mas então muito liberal e já muito simpático povo de Aveiro.

Surgiu assim uma vaga e irregular sociedade anónima que não teve escritura constitucional e cujos estatutos, como os das sociedades de instrução e recreio de fins não lucrativos, foram aprovados por um alvará administrativo.

A maior parte das pessoas que subscreveram e deram o seu dinheiro não quizeram saber das acções, nem as reclamaram, nem em tal mais pensaram. Deram por dar à cidadesinha de José Estêvão e da Ria, como nós damos para os bombeiros e para as rifas cujos prémios nunca procurâmos.

A Câmara recebeu acções. Depois deu muitas em pagamento aos professores e funcionários, mas conservou e quiz conservar sempre, pela resolução e pensamento de Sebastião Lima e de Manuel Firmino de Almeida Maia e de todos os aveirenses ilustres que se lhes seguiram, uma situação de participação, protecção e influência na instituição em que não havia só o interesse material, mas interesse moral, compromisso e herança cívica do povo da cidade.

Ora aqui há anos começaram a desenhar se cubiças sôbre aquilo, mas cubiças materiais, porque das lutas políticas de que foi alvo, por serem políticas e não interesseiras, não temos que falar.

Precisara de obras o palco, teve a Misericórdia de emprestar o dinheiro porque o dinheiro da terra nem por hipoteca quizera arriscar-se.

Os lucros do exercício do ano dos centenários foram de 3.362$62 num saldo de exploração de 33.811$40.

Em 1941 já os lucros subiram para 19.503.50 e no ano seguinte houve um salto para a casa do cento de contos.

As cubiças aumentaram.

Começou-se a notar que do Teatro saia fumo pelas frinchas!..

Algumas pessoas gritaram alerta e quizeram que se acudisse e chamaram por mim. E o primeiro foi Lourenço Peixinho, o grande aveirense, o grande presidente e o grande bairrista que todos nós criticávamos à vontade, mas que era inexcedivel no zêlo de tudo o que fôsse património publico e progresso e bem e honra de Aveiro.

Ele deu o alarme porque via o perigo e conhecia os homens.

Mal diria êle que alguns do que à sua sombra comeram e medraram, haviam de mancomunar-se escandalosamente com os inimigos do seu pensamento!

* * *

Chamou por mim Lourenço Peixinho; preveniu-me a mim e a muitos outros aveirenses; quebrou-me o bicho do ouvido.

Eu já contei e poderia contar de novo, se fôsse necessário, com muitos mais pormenores.

—Que havia fôgo assolapado na ambição de certos estrangeiros aqui há pouco estabelecidos, e que o fôgo fàcilmente se propagava à ambição de alguns indigenas e tinhamos incendio pela certa e lá ia tudo!

Eu não sou bombeiro, mas a benemérita rapaziada dos Bombeiros Velhos tem teimado em me conservar como jarrão do passado em cima da mêsa muito honrosa da presidencia da sua assembleia.

E sem ser do corpo activo de nenhuma companhia de salvação publica, já ajudei a apagar vários incendios e a evitar catástrofes e prejuizos de maior.

Talvez fôsse por isso que algumas pessoas que deram pelo fumo que saia dos escaninhos da sociedade do velho teatro do Largo da Cadeia, me fizeram apelo.

—Olhe que arde o teatro e com o teatro arde o resto. Olhe que Aveiro fica sem a instituição que os antigos lhe deixaram. Olhe que aquilo é fundamentalmente da cidade. Olhe que você tem responsabilidades em Aveiro e no teatro! Em Aveiro, porque a cidade lhe tem confiado grandes encargos da sua representação e da defesa dos seus interesses morais e materiais; e no teatro, porque você é o presidente da assembleia geral da sociedade a que aquilo está entregue. Não deixe que arda; não consinta que o fôgo devore tudo.

—Oponha-se, resista, lute!

E alguns populares, com voz de marnoteiro e mercantel, clamavam-me, também, naquela pitoresca algaraviada que ali no bairro da Beira-Mar se chama o falar à *rateleira*:

—Eh! sr. dr.!.. eh! home!... Você não sabe o que se passa no teatro? Olhe que levam tudo! Você está na horta e não vê as couves! Anda fogo nas acções! Olhe que aquilo é da cidade e arde tudo!

Era a *vox populi*—e *vox populi, vox Dei*,—mas eu duvidava, porque eu duvido muito da *vox populi*.

Talvez fôsse apenas uma queima dos papeis inuteis e fumarada sem consequências.

Que não, insistiam os patriotas. Que era fogo vivo, fogo verdadeiro. Fogo e negócio em perspectiva. Puz-me de atalaia, comecei a observar e vi que efectivamente havia fumo. E como não há fumo semfôgo e como é frequente haver quem aproveite a confusão dos incendios, dos terramotos e das calamidades publicas para levar para casa os salvados, eu acorri.

Toquei o sino e tranquei as portas para dar tempo a que chegasse a agulheta do bom senso e do respeito devido ao património colectivo. Planeava-se, na verdade, nas costas de alguns ingénuos, um *grande negócio* e uma *excelente operação* (palavras textuais) Que havia de dar 200 contos a cada sócio, etc. etc!

Sempre havia fogo!

Depois o fogo avolumou-se, as labaredas sairam por todos os lados, como quando se abrem janelas as de um predio incendiado.

Houve então patriotas que não resistiram ao calor e muitos dos que me acompanhavam e me encontravam sempre nas horas ardentes do nosso aveirismo—desertaram.

Desertaram e bandearam-se!

E tanto se anicharam ou deitaram nas valêtas que eu nunca mais os vi.

Dizem-me que passo por êles às vezes...

Alguns diziam-se grandes aveirenses, grandes amigos meus e grandes patriotas cá da terra.

Mas de mim só podiam receber demonstrações de boa camaradagem, enquanto que do lado contrário lhes podiam assegurar interesses e acenar com benesses.

—*Yago mete dinheiro na algibeira! Mete dinheiro na algibeira, Yago!* —dizia o Shakeaspeare.

Tão razos com o chão se fizeram e tão minusculos se tornaram para a minha consideração, que eu não mais os enxerguei, nem mesmo com óculos e binóculo como já é mister ao cansaço da minha vista.

Nunca mais os vi, nem vontade tenho de os tornar a vêr...

* * *

Não fiquei só.

Houve gente firme nas ideias e dedicada na sua actuação e nos seus gestos dignos e coerentes.

Mas o fogo já lavrava fundo nos baixos do edifício. A assembleia geral tinha sido minada, há muito e em segredo, para se dar o salto. E eu por mim não sei cacicar nem pedir votos a ninguem.

Deixo o voto livre e voluntário à consciência, à educação e ao civismo de quem vota ou pode votar.

Falo ou escrevo para cidadãos, não para escravos ou salafrarios.

Não fiquei só, mas quero distinguir dois nomes: Jaime Duarte Silva, o brilhante colega de tão rija tempera, meu temível inimigo de tantos anos e tão grandes lutas, meu amigo de tão saudosos momentos, que me acompanhou até à última, e a última foi a sua morte lamentosa de ilustre e apaixonado aveirense, porque o era, e de valoroso adversário como de leal amigo quando o queria ser.

Outro é êsse rígido carácter que se chama Tenente-Coronel Carlos Gomes Teixeira, inquebrantável na sua lealdade, inconcusso na sua seriedade.

Aqui lhes presto a minha homenagem, de saudade ao primeiro; de admiração e reconhecimento ao segundo.

* * *

Não fiquei só e ainda, às vezes, me chegam de fora e de longe ecos da campanha, palavras de gente que me leu e que vibrou, mas gente que nem tem voto ou não vem à assembleia, nem é serventuária ou dependente dos novos senhores.

Não fiquei só, mas se ficasse e sósinho lutasse era o mesmo; muita honra teria nisso, porque sentiria da mesma forma o prazer íntimo do dever cump-ido, ainda que contra todos fôsse.

Fui vaiado e injuriado em gestos arrogantes de estrangeiros amezendados na minha terra.

Foram honras que me deram!

Se o mesmo aconteceu sempre aos grandes vultos, porque havia de ser poupada a minha pequenez?...

Apagou-se o fogo no momento, mas o rescaldo não terminou ainda.

Lá está a fumegar!

E desta feita arde, sem remédio, aquilo que foi outrora o *Teatro Aveirense!*

Porque o *Teatro Aveirense* não foi um teatreco qualquer, nem é qualquer teatro, mas foi e é uma instituição criada no século passado pela cidade de Aveiro, para a cidade de Aveiro, com o prestígio e o nome de Aveiro e para exclusivo interesse e dignidade do público de Aveiro.

Nesta instituição que revestiu a forma confusa e irregular de sociedade anónima, há em 2.000 partes, correspondentes a outras tantas acções, nada menos de 464 que figuram no balanço como *acções em carteira*, mas que são acções que não se sabe a quem pertencem (porque os subscritores que as pagaram não receberam ou não reclamaram os títulos.)

A quem pertencem essas acções senão á cidade?

Dando-se, depois, como anuladas mais umas 1020 partes ou acções, (como se pretendia a princípio e não sei se ainda hoje) era fácil, dispondo-se, apenas, de um quinto das restantes 516, passar-se aquilo, de facto, à propriedade particular e à exploração interesseira e comercial de quaisquer senhores de vista aguda e olhar de lince como os que descobriram a mina de oiro, abandonada como maninho, no Largo da Cadeia.

Protestei contra isso, porque tais expedientes, tais processos, tais propósitos, tais planos e tais práticas não eram dignos da tradição e do bom nome da cidade de Aveiro.

Dominou-se o fogo, mas ficou o rescaldo. Apesar do voto do Conselho Municipal, em 1944, a Câmara não quiz apagar o incêndio.

E como havia a Câmara agora de apagar o incendio se lá dentro se meteram os interessados no negócio?

Lá está a fumegar!...

E desta vez, arde, arde sem remédio, pela ingenuidade de uns, pela tibieza de outros, pela fraqueza destes, pela cumplicidade e dependencia de muitos que tinham o dever de dar o exemplo, de não consentirem e de resistirem e de colocarem o civismo e o aveirismo acima das vaidades ou das ambições, das relações pessoais, políticas ou financeiras; dos que tinham obrigação de colocarem o respeito público acima do interesse particular, a tradição da terra acima do próprio capricho e de conservarem a espinha dorsal bem direita em frente dos falsos oiropeis que escondem o servilismo!

Arde, arde sem remédio!

Meteram lá o *Cavalo de Troia*, abriu-se pela calada da noite o ventre da abantesma e lá estão a sair os gregos...

Eu bem o disse! E ardeu a tenda!

* * *

Mas o que arde é o património da cidade no plano maquiavelico, o património da cidade, porque o e, pela destinação dos antepassados a quem para a obra se pediu dinheiro em nome da cidade e que deram o seu dinheiro a Aveiro para que Aveiro tivesse um teatro, ao tempo, digno e condigno.

Ardem as acções dos accionistas vivos porque, valendo muito mais de 1.000$00 cada uma, vão ser desvalorizadas pela nova emissão de acções de 100$00 e pela emissão das obrigações em projecto e porque essas acções ficam para sempre assoberbadas debaixo do pêso das acções dos financeiros.

Arde o próprio título da casa e da instituição porque até no glorioso nome lhe enxertam um *cine* ridiculo, de macacal inferioridade!

Arde, arde desta feita, uma das mais queridas recordações do nosso passado, recordação que a Câmara tinha obrigação de resgatar, conservar ou defender, sem prejuizo aliás de ninguém, no seu aspecto de interesse público, tal como o resolveu há dois anos o próprio Conselho Municipal.

* * *

Falta pôr lá uma lápide.

Depois de aprovada a reforma dos estatutos apresentada pelos srs. Egas Salgueiro e Lucílio Garcia, ponham lá depressa uma lápide em forma de estela de sepultura, com a data do incendio, os nomes dos coveiros e um *Requiescat in pace!*

A mim é que não faz a mínima

## A crise de papel

—o—

Terminada a guerra, seria lícito supôr que um certo número de entraves e de obstáculos desapareceriam da vida da Imprensa, mormente os que se referiam a escassez e preço do papel — diz o *Século* de segunda-feira. E acrescenta que, com a paz, o seu preço subiu de tal modo que atingiu 60 % sôbre o custo de 1944.

Estamos perante uma situação muito melindrosa, tanto mais que a êsse aumento se juntam pesados encargos de outra ordem que recaem sôbre os jornais, sem esquecer a subida do custo da vida em geral.

Só mercê de muita pertinácia e de duros sacrifícios a Imprensa portuguesa tem conseguido atravessar uma época tão sombria.

O futuro não apresenta melhores perspectivas quanto ao abastecimento de papel.

O problema está pôsto com nitidez, e a sua solução, se por um lado exige cautelas, por outro impõe rapidez para que não venha a ser demasiado tarde...

Os nossos assinantes estão por aqui a ver a razão que nos assistia ao enveredarmos pelo caminho das duas páginas, de vez enquando.

Decerto já estávamos liquidados ou prestes a isso, se não fizessemos economias.

Nós e outros.

## Rega nas ruas

—o—

Já aqui dissemos que o serviço de regas precisa, êste ano, ser intensificado, devido aos motivos que apontámos.

Hoje voltamos a reforçar o que então escrevemos, visto a sua falta já se fazer sentir.

E' muito preciso para abater as nuvens de poeira que se levantam.

## FEIRA DE MARÇO

Conforme foi deliberado, a sua abertura oficial é amanhã, prevendo-se enorme concorrencia.

No recinto destinado às diversões é inaugurado êste ano um novo pavilhão —*o Pavilhão do Casal*—com tôdas as comodidades para se saborearem as afamadas farturas do seu fabrico.

As duas corporações de bombeiros pensam em organizar alguns festivais no recinto da Feira.

## *A Primavera*

Fez ante-ontem a sua apresentação, depois da chegada das andorinhas.

Oxalá não desmereça para que continue a ser tida como a mais linda estação do ano.

## Ainda o nosso aniversário

Felicitaram-nos também pela passagem do aniversário, há pouco registado, os nossos colegas *Concelho da Murtosa*, *Noticias do Douro*, da Régua, *Defesa de Arouca*, *Jornal de Albergaria* e *Defesa de Espinho*, que, a respeito dêle, publicou o seguinte:

**O Democrata**

Com o seu número de 23 de Fevereiro entrou no 39.º ano de publicação êste brilhante confrade da capital do distrito, que tem a dirigi-lo o nosso prezado amigo e distinto aveirense sr. Arnaldo Ribeiro —alma franca e aberta a tôdas as causas nobres e justas, bairrista sincero que, em defesa da sua terra e dos seus pontos de vista, tal como nós, tem sofrido os seus dissabores, sem nunca desanimar, sem nunca desertar do seu ingrato pôsto.

Republicano convicto, dos que entendem que é um dever patriótico prestar homenagem à obra do Estado Novo, sabiamente orientada por Salazar, e que por o fazerem não renegam as suas convicções, pelos serviços que tem prestado à cidade e ao concelho de Aveiro, o sr. Arnaldo Ribeiro impõe-se ao respeito e à gratidão de todos os seus conterrâneos.

Embora tarde, não pudemos furtar-nos a enviar lhe um abraço de sinceras felicitações pelo aniversário de *O Democrata*, auguardando-lhe longa e próspera vida.

Continuamos a mostrar-nos gratos a todos.

falta êsse caracter público da velha instituição.

Nem materialmente o próprio teatro me faz a menor falta com os seus espectaculos, as suas sessões de cinema, os seus alegres bailes.

Nem mesmo me faz falta aquela tradicional e honrosíssima tribuna onde os grandes fastos e os grandes interesses de Aveiro se festejaram e debateram durante mais de meio século.

Subi algumas vezes a esssa tribuna, tremendo de escrupulo e de receio, porque, noutro tempo, os oradores que ali falavam, como disse João Chagas ali falando, tremiam de receio que os ouvisse o principe dos oradores que está modelado em bronze no largo fronteiro.

Mas eu cada vez falo menos e menos escrevo, cada vez mais me apago e de tudo me afastoe nem tribunas nem jornais me fazem mingua ou deixam saudades.

Há muito que não entro no teatro. Não me faltam teatros em Lisboa e Porto onde frequentemente estou.

Neste que foi o *Aveirense* espero não mais pôr o pé!

Mas ao passar por aquilo que foi o *Teatro Aveirense* e que até vai ser mascarado no nome, eu, como *cagaréu* inquebrantável, jámais me esquecerei de *lhe rezar pela alma!*

Lá vai na voragem!...

*Requiescat in pace!*

* * *

Tenho presente o relatório da gerência dos srs. Egas Salguèiro e Lucílio Garcia no ano transacto.

O relatório oculta a elevação de preços dos lugares e mostra na comparação dos saldos da conta de Exploração, um prejuizo relativo de 13.267$20 sôbre 1944.

Com mais 65 espectáculos (sessões de cinema e espectáculos de teatro) do que em 1944 e com os preços elevados, a receita aumentou, mas o saldo diminuiu. Vejamos.

Em 1944, 193 espectáculos produziram um saldo de 153.808$70.

Em 1945, 245 espectáculos, com bilhetes mais caros, deram um saldo de 140.541$50.

E o público entregou na bilheteira nada menos de 577.257$50, isto é, mais 165.922$45 do que em 1944!

O saldo da mesma conta comparado com o de 1943 acusa uma diferença positiva apenas de 7.216$00 a favor de 1945.

Mas a receita em 1943 foi de 347.599$00 e em 1945 foi, como vimos, de 577.257$50!

O público entregou, pois, em 1945, mais 230.658$50 à bilheteira do que em 1943 e o saldo apenas subiu em 1945 uns míseros 7.216$00.

Contudo em 1945 houve mais 123 espectáculos do que em 1943!

Comparemos os lucros líquidos.

Em 1943, 108.916$75.

Em 1945, 112.363$65.

A diferença a favor de 1945 é apenas de 3.446$90 com 123 espectáculos a mais e elevação de preços, não havendo juros a pagar à Misericórdia, porque a comissão administrativa da presidência do sr. tenente coronel Carlos Gomes Teixeira pagou o capital.

Não só não houve juros a pagar em 1945 à Santa Casa, mas houve juros a receber, porque as gerências anteriores deixaram em cofre, depois de pagos 180 contos à Misericórdia, nada menos de 113.892$39.

Quere dizer que a administração dos grandes técnicos de emprêsas comerciais e teatrais srs. Egas Salgueiro e Lucílio Garcia, apresentados como salvadores, foi um desastre!

O desastre não está em haver prejuízos absolutos. O teatro desde 1942 que não dá prejuízos porque rende mais de 100.000$00 líquidos por ano. O desastre está na comparação que acima fizemos com as gerências dos anos de 1944 e 1943 sob a administração dos srs. tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira, dr. António Peixinho, Henrique Ratto e Ricardo Campos.

Temos de concluir que se os srs. Egas Salgueiro e Lucílio Garcia assim continuam, volta-se aos 19.000$00 de 1941, aos 3.000$00 de 1940 e depois chega-se ao saldo do zero absoluto!

Houve desvios? De forma nenhuma. Nem o peaso nem tal coisa quero, sequer, insinuar. O que houve, foi uma orientação má e uma administração errada, isto é, incompetente!

Os srs. Lucílio Garcia e Egas Salgueiro tinham feito cavalo de batalha do pagamento à Misericórdia. Que era para sanear as finanças do teatro e poupar juros. Choraram os 5.000$00 de juros que se pagavam à Santa Casa e administraram de tal forma, no exercício findo, que atiram pela janela fora muitas dezenas de contos e acabam por arranjar um saldo inferior em 13 contos e pico ao saldo de 1944, dando 123 espectáculos a mais com sacrifício do público.

O público não gosou de qualquer comodidade; sentou-se nas mesmas cadeiras e coçou as mesmas pulgas. Não houve juros a pagar, mas juros a receber. Não houve ainda concorrência do novo teatro.

Quando o *Cine-Teatro Aveirense*, depois de deglutido o *Teatro Aveirense*, tiver de pagar juros às obrigações que vai emitir, e ordenados aos corpos gerentes, e lutar com a concorrência do grande *Cine-Teatro Avenida*, cuja construção vai crescendo a olhos vistos, temos liquidação pela certa!

Oxalá que eu me engane...

Mas lá se avenham!

*Requiescat in pace!*

# AS COMEMORAÇÕES CINCOENTENÁRIAS DO RECREIO ARTÍSTICO

## decorreram animadas, sendo mais uma vez homenageado o glorioso filho desta terra, José Rabumba — o "Aveiro"

Com o maior brilho realizaram-se as festas projectadas pela Direcção do *Recreio Artístito*, a que preside João Andrade de Carvalho, sendo o programa integralmente cumprido.

Houve o torneio de *basket ball*, para disputa da *Taça Sociedade R. Artístico*, que foi ganha pelo *Desportivo Aleluia*, pertencente à importante Fábrica Aleluia; a missa celebrada pelo sr. Arcebispo-Bispo, na igreja da Misericórdia; o descerramento duma lápide no prédio onde se fundou o *Recreio*, na Praça da Republica e cuja cerimónia foi revestida de solenidade, tendo usado da palavra o presidente da Assembleia Geral sr. José Pinheiro Palpista que se alongou em considerações, historiando a vida da velha agremiação, a qual tem a seguinte legenda: *Foi nesta casa que há 50 anos um grupo de aveirenses fundou a* Sociedade Recreio Artistico—*1896-1946*.

Organizou-se, em seguida, o cortejo que se dirigiu à antiga Rua das Barcas, afim de assistir ao descerramento doutra lápide com o nome do heroico José Rabumba (o *Aveiro*) que ali nasceu há 80 anos. Tomaram parte a Câmara, agremiações locais, sindicatos, as duas corporações de bombeiros da cidade, de Ilhavo, Vista Alegre, Espinho, Matozinhos-Leça e Leixões, Liceu José Estêvão, Escola Fernando Caldeira e algumas bandas de música. As entidades oficiais, o homenageado e a Direcção do *Recreio* tiveram logar unma tribuna onde, ao microfone, discursaram vários oradores. O primeiro foi o presidente do municipio, sr. dr. Alvaro Sampaio, que disse:

Ex.$^{mo}$ Sr. Governador Civil:

Meus Senhores;

A mais antiga associação de Aveiro, a modesta e simpática *Sociedade Recreio Artístico*, que hoje comemora brilhantemente as suas *bodas de oiro*, deliberou incluir no programa das festas a homenagem a José Rabumba, descerrando-se a legenda com o nome deste heroico e valente homem do mar, na rua onde êle nasceu e ensaiou os primeiros passos—a antiga Rua das Barcas.

A Câmara Municipal não só perfilhou esta ideia como nela colaborou com aquele desejo, sempre manifestado, de auxiliar, indistintamente, dentro das suas possibilidades, todas as agremiações desta cidade.

Neste propósito aqui se encontra a vereação camarária a honrar êste acto e a emprestar-lhe o caracter oficial que doutra forma não poderia ter.

A's Ex.$^{mas}$ autoridades presentes, ao povo que se associou a esta manifestação, às colectividades aqui representadas e, especialmente, aos Bombeiros Voluntários de Matozinhos-Leça, que tão espontaneamente manifestaram o desejo de aqui virem prestar homenagem ao seu antigo companheiro nos trabalhos de salvamento de muitas vidas humanas, a Câmara Municipal de Aveiro, comovidamente, agradece.

Meus senhores:

Não podia deixar de ser sensível à edilidade aveirense esta homenagem, não só porque se presta culto a um humilde filho do povo, de alma simples e forte, que é nosso orgulho, mas também porque se exalta uma vida exemplar e fecunda, pura de ambições que inferiorizam e de vaidades que amesquinham.

José Rabumba, como António da Benta, outro valente homem do mar, cujo nome a Câmara da minha presidência perpetuou numa das ruas do bairro piscatório da freguesia da Vera Cruz, não fez versos, não escreveu livros, não matou ninguém em sangrentas batalhas, mas, para nós, fez mais do que isso porque salvou, em lances aflitivos e angustiosos, muitas vidas humanas, porque lutou, com outros companheiros, contra o mar enfurecido, arriscando a vida, desafiando a morte.

De 1892 a 1932, nos naufrágios da barca *Soares da Costa*, do cruzador *S. Rafael*, dos vapores *Silurian*, *Veronese*, *Deister e Gauss*, e do lugre *Felix*, José Rabumba praticou façanhas épicas que lhe valeram louvores e medalhas e, por ultimo, em 1922, a mais alta condecoração que o Govêrno da Nação pode conceder—a Torre e Espada.

Durante esses anos, José Rabumba salvou cêrca de trezentas pessoas, muitas das quais nem eram da sua pátria, nem falavam a sua língua, nem, talvez, professassem a mesma religião; mas eram seres humanos, eram vidas em perigo, eram almas em angústia. Não pensou em si, esqueceu o direito de viver para acudir aos seus semelhantes, cumprindo tão sómente o imperativo sagrado da sua consciência e obedecendo aos impulsos do seu coração magnânimo e generoso.

E êste desprendimento e esta renúncia de si próprio; êste exemplo de bondade e de humanitarismo, nós, o povo desta cidade, temos o dever moral de os celebrar, de os enaltecer, porque a nós próprios nos engrandecemos pelo reconhecimento de quem, da nossa raça e da nossa terra, tao alto soube colocar virtudes raras e praticar actos de abnegação e de generosidade só comuns a seres de eleição.

Homenagens como esta a que estamos assistindo, singela mas eloquente, são verdadeiras desobrigas de dívidas colectivas aos que, por qualquer modo, dignificaram a terra que lhes foi berço e a Pátria que os conta como filhos,

Deve ser consolador para um filho do povo, como José Rabumba—o *Aveiro*—verificar na altura em que o sol da existência começa melancòlicamente a fugir para o crepúsculo, que a sua vida cheia de heroismos, eivada de actos de abnegação e de altruismo, foi compreendida e justamente celebrada pelos seus concidadãos e que o seu nome humilde, mas honrado e glorioso, fica doravante perpetuado na lápide que daqui a pouco se vai descerrar.

E resta-nos a convicção de que o povo desta cidade comungou nesta homenagem e a ela se associou com carinho e com orgulho—carinho pelo seu patrício, verdadeira relíquia aveirense; orgulho por nesta linda terra ter nascido um homem cuja vida foi sempre uma grande lição de bondade e de civismo.

Seguiram-se os srs. dr. António Cristo, coronel Alberto Lauaa Moreira, inspector de incendios em Matozinhos e desembargador dr. Melo Freitas, que enalteceram os feitos do destemido e arrojado homem do mar, glória da nossa terra que tanto se ufana de lhe ter servido de berço. José Rabumba, sensibilizado com as manifestações de que estava sendo alvo, proferiu as seguintes palavras:

«E' meu dever ahradecer não só à Ex.$^{ma}$ Direcção da Sociedade Recreio Artístico o lembrar-se do meu modesto nome para me homenagear durante estas festas comemorativas dos 50 anos da fundação da Sociedade, como à Ex.$^{ma}$ Câmara Municipal desta cidade, por tornar efectiva uma deliberação já tomada em 1923, dando, à Rua das Barcas, aonde nasci, o meu nome.

O que fiz, durante a minha já longa vida, que tem merecido tantos louvores e esta homenagem, não tem sido mais do que o cumprimento do meu dever, e à Providência devo, o ter sido bem sucedido nos salvamentos, que, com o pessoal salva vidas, pude realizar.

Se mais não fiz, foi porque as circunstâncias o não permitiram.

A todos, pois, a minha muita gratidão e a certeza de que nunca mais esquecerei estas manifestações e estas provas de estima dos meus conterrâneos.

Muito, muito obrigado.»

Para remate daquele numero do programa o sr. dr. Cirne de Castro, governador civil do distrito, deu conhecimento de que a Federação das Sociedades de Recreio havia conferido um diploma de honra à colectividade em festa.

No concurso-exposição de montras fôram conferidos prémios (200$00, 150$00 e 100$00) respectivamente, às dos estabelecimentos do sr. António Oosório, *Orquídia* e *Savoy*.

Foi distribuido o bôdo aos pobres; estiveram em exposição as dependencias da *Sociedade* e realizou-se o anunciado baile que decorreu animadamente.

Os mortos também não foram esquécidos, tendo-se realizado uma romagem aos cemitérios, onde dormem o sono eterno muitos sócios dedicados da colectividade a que nos estamos referindo.

O janjar de confraternização efectuou-se na terça-feira à noite. Muitos convivas enchiam a vasta sala, sentando-se na mesa de honra o sr. Silva Rocha, sócio honorário, que reprisentava a Câmara, tendo à direita os srs. José Marques de Carvalho, José de Pinho, Francisco Benjamim e José Maria dos Santos Freire, sócios fundadores, e à esquerda o presidente da Assembleia Geral da Associação José Palpista, José Rabumba e os presidentes das direcçoes dos *Galitos* e *Sport Club Beira Mar*. Ementa servida a capricho por um grupo de esbeltas tricaninhas, proferindo, no fim, palavras alusivas à comemoração os srs. José Palpista, os presidentes dos *Galitos* e *Beira-Mar*, o director do *Democrata* para agradecer as referências à imprensa, e, por ultimo, o sr. Silva Rocha.

Entre a correspondência lida destacavam-se cartas dos srs. Miguel Meireles, Federação das Sociedades de Recreio, Câmara Municipal, Jeremias Vicente Ferreira, sócio n.º 1, que impedido de comparecer ao banquete, dava conta do envio de 500$00 para serem distribuidos 200$ aos pobres do Recreio, 100$00 aos do *Democrata* (o que agradecemos reconhecidos) 100$00 ao Albergue e 100$00 ao Lactário; dr. Alberto Souto, a quem a assistencia manifesta a sua simpatia com uma salva de palmas, dr. Melo Freitas, dr. Alberto Ruela, capitão Firmino da Silva, Americo da Graça, dr. David Cristo, etc.

Varava da meia noite quando a festa terminou com uma girandola de foguetes, enquanto uma banda de musica executava, em frente à séde do Recreio, o hino da sociedade.

* * *

Durante os três dias houve concertos musicais na Praça da República, cujos edifícios, em volta, ilumimaram; alguns prédios, por onde passou o cartejo, estiveram embandeirados e com colgaduras, e a lápide com o nome de José Rabumba (o *Aveiro*) foi descerrada pela neta, a menina Maria José da Silva Rabumba.

O *Democrata* fez-se representar em todas as manifestações.

# Notas Mundanas

### Aniversários

*Fizeram anos: na quarta feira, a menina Adelina Gonçalves, afilhada do sr. Luis dos Santos Veiga e ontem o menino Rui, filho do sr. Manuel da Cruz e Sousa, empregado no Banco Regional; hoje, fazem, as sr.$^{as}$ D. Laura Morgado e D. Maria Helena Faria de Almeida, filha do sr. Manuel Faria de Almeida, funcionário superior do Banco N. Ultramarino na Beira (Africa Oriental) e o comerciante sr. Manuel Pires Ferreira; amanhã, as sr.$^{as}$ D. Maria Avia Duarte de Carvalho, D. Ana Marques da Silva Vieira e D. Maria do Ceu Gigante, esposas, respectivamente, dos srs. Francisco Augusto Duarte, Joaquim Antônio Vieira e Alexandre Gigante, de Viana do Castelo, e o sr. coronel João da Encarnação Maçãs Fernandes, actualmente na capital; no dia 25, o sr. Antônio Andrade e o menino Raul de Oliveira Lemos, filho do sr. Abel de Lemos, ausente em Cassequel (Angola); em 26, a graciosa tricaninha Carolina de Lemos; em 27, a gentil Maria Helena Campos Corte-Real, filha do sr. Luis de Mendonça Corte-Real; em 28, a sr.ª D. Ligia Ala dos Reis, filha do farmaceutico sr. Domingos João dos Reis Júnior, a esposa do sr. Manuel Gonçalves da Vitória, de Aradas, e o sr. Lino Costa; e em 29, as sr.$^{as}$ D. Maria José Pinheiro da Cunha e D. Benilde Graça, esposas, respectivamente, dos srs. capitão Manuel Lourenço da Cunha e Telmo da Graça e Melo, funcionário dos correios em Albergaria-a-Velha, e os srs. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal, e João Mendes Leite de Almeida, filho do sr. general João de Almeida.*

### Partidas e Chegadas

*Chegou do Brasil o sr. António Marques Ribeiro, a quem damos as boas-vindas.*

*—Veio passar alguns dias a Aveiro o sr. general Schiappa de Azevedo, que agora reside em Oeiras.*

*Cumprimentamo-lo.*

### Doentes

*Agravou se esta semana o estado do sr. capitão Alberto Faria, que na cidade conta muitas dedicações.*

*Sentimos.*

*—Recolheu ao Hospital a sr.ª D. Felismina Rocha, esposa do comerciante José Augusto F. Nunes.*

*Tem obtido melhoras.*

*—Ainda não sai á rua o nosso amigo João Mota, mas o seu estado é animador.*



# Sejamos humanitários

**Subscrição a favor do desportista Alvaro Barreto, que, em precárias circunstâncias, se debate, na cama, com doença grave, daquelas que não perdoam.**

| | |
|---|---|
| *Transporte* . . . | 140$00 |
| O. M. T. . . . . . . . | 20$00 |
| E. G. . . . . . . . . | 20$00 |
| Soma . . . | 180$00 |



# "Mi-carême"

Reatando uma tradição, o *Club dos Galitos* está a organizar para a próxima quarta-feira, dia da *serração da velha*, um baile que dedica aos seus associados e respectivas famílias e que se realisará, como antigamente, no Teatro Aveirense.

Tiveram fama e marcaram não só pela maneira como decorriam como pela profusão de luz e decorações que ostentava a nossa casa de espectaculos, os bailes que aquela colectividade levava a efeito e que além de lhe dar lustre chegavam a constituir um acontecimento na cidade.

O *Club dos Galitos* vai reviver, pois, essas noites memoraveis, que ficaram gravadas no espírito da mocidade dos tempos aureos e, em especial, das nossas tricanas que, com o seu donaire e os seus sorrisos, contribuiam para a alegria e animação dessas diversões.

A sua Direcção pede-nos, para evitar dissabores e aborrecimentos, que tornemos público que a família do sócio, no pleno goso dos seus direitos, é limitada, para êste efeito, à esposa, filhas e irmãs solteiras, que vivam na sua companhia e filhos menores de 15 anos.

# Procissões de Passos

Realizaram-se com bom tempo êstes dois cortejos religiosos, que sairam domingo e segunda-feira, respectivamente nas freguesias da Vera Cruz e da Glória.

A concorrencia de gente de fora foi deminuta.

# Declaração

**Duarte Augusto Duarte declara para os devidos efeitos que não tem qnalquer parentesco com Maria do Ceu Romão Duarte, moradora na Estrada da Barra.**

## NECROLOGIA

### Cap. Luís da Silva Curralo

Depois de esgotados os recursos da ciência para o arrancar à morte, entrou numa agonia lenta, que se prolongou até o romper da manhã de domingo, em que deixou escapar o ultimo, o derradeiro alento. Apagara-se como uma luz a que faltara o combustivel, caindo naquele sono de que jamais se acorda.

Dotado de qualidades que muito enobreciam o seu caracter e possuindo predicados morais que o tornaram credor da estima dos seus camaradas e das pessoas com quem privava, o sr. capitão Curralo pode-se dizer que deixou em cada aveirense um amigo, tal a simpatia que a todos inspirava.

O brioso oficial fez quási tôda a sua carreira militar em Aveiro, serviu em Angola e Moçambique e desde 1928 que pertencia ao Quadro de Reserva.

Completara 70 anos em Janeiro, era natural do concelho de Almeida e viera muito novo para esta cidade, onde constituira família. Viuvo desde 1919, deixou alguns filhos, nomeadamente a sr.ª D. Noémia Trindade Silva e os srs. Edmundo, Telmo, Luís, Nuno, Rogério e padre José Trindade e Silva, pelos quais era estremoso.

O seu funeral efectuou-se no mesmo dia de tarde, saindo da sua residência para o cemitério sul. Nêle se incorporaram oficiais e sargentos da guarnição, bombeiros e muitas outras pessoas que deploraram o seu desaparecimento, vendo-se com a chave da urna, que ia coberta com a bandeira nacional e outras de diversas associações, o sr. capitão António Rodrigues Morais.

A toda a família em luto aqui deixamos expresso o nosso sentimento.

* * *

No Hospital, onde se encontrava em tratamento, exalou também o ultimo suspiro a menina Maria José Coelho Fortes, dilecta filha do sr. José Coelho Albuquerque Fortes, que aqui chefiou a Secção de Finanças.

Contava 18 anos, apenas, e no seu entêrro, realizado na penultima sexta-feira, incorporaram-se, além de outras pessoas, muitos funcionários de Finanças, os alunos da Escola Fernando Caldeira com o seu estandarte e o sr. padre António Augusto de Oliveira, que conduzia a chave da urna.

Acompanhamos os desolados pais no seu desgosto.

* * *

Na Mealhada, onde fixara residencia depois da sua aposentação, finou-se, subitamente, o informador fiscal sr. José Pedro Soares de Melo, que contava 78 anos de idade.

Pai do sr. José Pedro Soares de Melo Júnior, funcionário da Secção de Finanças, era natural de Agueda e há muito que enviuvara.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Maria Emília da Silva, viuva, de 72 anos, e em *S. Bernardo*, António Francisco do Casal, solteiro, de 74.

## Correspondências

### Eixo, 10

Depois de sujeitar-se a uma melindrosa operação cirúrgica em Lisboa, encontra-se já em convalescença o sr. Luís de Melo Rego, com o que muito folgamos.

—Também esteve gravemente enfermo o sr. Manuel Gendre, cunhado do sr. Arcebispo de Aveiro.

—Continua bastante doente a sr.ª D. Leopoldina Adelaide de Lemos.

A todos desejamos completo restabelecimento.

—A propósito da notícia que aqui demos sôbre entrega de adubos, foi-nos dado conhecimento de que pelo Grémio da Lavoura tinha sido nomeada e convidada uma comissão de três lavradores desta freguesia, para ali ir corrigir os exageros da maior parte das requisições a fim de ser feita uma distribuição, o mais equitativo possível, e que a mesma se não dignou comparecer!

Sendo assim, é de lamentar que alguns lavradores se desinteressem dos problemas que mais os afectam, não tendo razão eu, muitas vezes, em fazer quaisquer protestos.

Também estamos autorizados a declarar que o Grémio, para compensar a desigualdade existente entre os preços dos adubos fornecidos pelo seu intermédio e os dos revendedores, irá alterar, no próximo contingente a receber, a ordem da distribuição: isto é, os que ultimamente o receberam do Grémio, irão recebê-lo dos revendedores e vice-versa.

A par disto, foi-nos garantido que a nova direcção está no propósito de aceitar e atender todas as reclamações que forem justas, tendo já atendido algumas desta freguesia — o que nos apraz registar.

C.

### Esgueira, 20

Perto do Caião foi, há dias, agredido com um facada vibrada pelo operário da C. P., Américo da Silva, o pedreiro Manuel Monteiro da Silva, o *Cabacinha*, que foi conduzido em estado grave ao Hospital dessa cidade.

O agressor, depois da proeza, fugiu.

—Veio dum hospital do Pôrto, onde foi operado, o sr. Alvaro Ramalho, que se encontra em via de restabelecimento.

—Finou-se, com 63 anos, o comerciante sr. Clemente Augusto de Oliveira, que teve um enterro muito concorrido.

A' viuva e a tôda a família os nossos sentimentos.

—Seguiu para a capital o nosso amigo Luciano de Oliveira, industrial de panificação.

—Fez anos, na última sexta-feira, o sr. Manuel Nunes dos Santos, a quem felicitamos.

C.



## Secção Desportiva

### Foot-ball

Deslocou-se, domingo, à cidade de Viriato o *Sport Club Beira-Mar*, que sofreu novo desaire ao defrontar-se com o *Sport Lisboa e Viseu*, que saiu do Campo do Fontelo a ganhar por 6-3.

### Columbofilia

Não permitindo a Federação Portuguesa que pombos sem anilha, cortada ou rabite possam tomar parte nas provas federativas e havendo bastantes pombos nestas condições, o grupo local resolveu anular o concurso de Talavera, como tinhamos noticiado.

A prova disputada no domingo de Vilar Formoso teve a seguinta classificação: 1.º e 3.º, J. de Barros; 2.º A. Modesto; 4.º, Aristides Graça e 5.º, padre M. M. Carlos.

A.

### Agradecimento

*A familia do falecido 1.º sargento de marinha António Maria, vem, por esta forma, manifestar o seu profundo reconhecimento às pessoas que acompanharam o extinto à última morada e às que se associaram à sua dôr.*

*Aveiro, 18 de Março de 1946.*



## Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Sábado 23 de Março (às 21 h.)
Domingo, 24 (às 14, 17 e 21 h.)
Segunda-feira, 25 (às 21 h.)

**O Ditador**

Terça-feira, 26 (às 21 h.)

**Campeões**

Com o documentário do encontro de *foot-ball* com a R. A. F.

Quinta-feira, 28 (às 21 horas)

**Beijos roubados**

Em 30 e 31:

**Terror na Ópera**




## «O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Portugal (Ano) . | 30$00 |
| Semestre . . | 15$00 |
| Colónias (Ano) . | 30$0C |
| Estrangeiro (Ano) | 40$00 |
| Número avulso . | $60 |

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.




Ministério das Obras Publicas e Comunicações

## Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

### Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro

*E. N. n.º 225 e E. N. n.º 222 — Nos troços entre Sobrado de Paiva-Ponte de Lourinhal e Cruz da Carreira--Greire.*

Faz-se público que no dia 26 de Março de 1946, pelas 14 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 242 m³ de pedra britada de granito ou quartzo duro, a depositar nas bermas da estrada acima indicada.

| | |
|---|---|
| **Base de licitação...** | **9.669$00** |
| **Depósito provisório** | **242$00** |

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.

O processo de concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 13 de Março de 1946.

**O Engenheiro-Director**

*José Pais de Almeida Graça*

Ministério das Obras Públicas e Comunicações

## Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

**Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro**

*E. N. n.º 222 — Nos troços entre Frutuaria-Castelo e Cruz da Carreira-Fontela.*

Faz-se público que no dia 26 de Março de 1946, pelas 14,30 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 292 m³ de pedra britada de granito ou quartzo duro, a depositar nas bermas da estrada acima indicada.

**Base de licitação... 12.105$00**
**Depósito provisório 303$00**

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.
O processo de concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 13 de Março de 1946.

**O Engenheiro-Director**
*José Pais de Almeida Graça*

---

Ministério das Obras Publicas e Comunicações

## Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

**Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro**

*E. N. n.º 109-5 e E. N. n.º 224-2 — Nos troços Esteiro-Ria de Aveiro e Avanca-Esteiro.*

Faz-se público que no dia 26 de Março de 1946, pelas 15 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 506 m³ de pedra britada de granito ou quartzo duro, a depositar nas bermas da estrada acima indicada.

**Base de licitação... 30.360$00**
**Depósito provisório 759$00**

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.
O processo do concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 13 de Março de 1946.

**O Engenheiro-Director**
*José Pais de Almeida Graça*

---

Ministério das Obras Públicas e Comunicações

## Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

**Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro**

*E. N. n.º 223 — No troço entre Carvoeiro e Canedo.*

Faz-se público que no dia 26 de Março de 1946, pelas 15,30 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 405 m³ de pedra britada de granito ou quartzo duro, a depositar nas bermas da estrada acima indicada.

**Base de licitação... 24.300$00**
**Depósito provisório 608$00**

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.
O processo de concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 13 de Março de 1946.

**O Engenheiro-Director**
*José Pais de Almeida Graça*

---

Ministério das Obras Publicas e Comunicações

## Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

**Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro**

*E. N. n.º 1-13 e E. N. n.º 109-4 — Nos troços entre Areal-Beire e Feira-Mosteirô.*

Faz-se público que no dia 26 de Março de 1946, pelas 16 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveire, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 572 m³ de pedra britada de granito ou quartzo duro, a depositar nas bermas da estrada acima indicada.

**Base de licitação.. 24.738$00**
**Depósito provisório 618$00**

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.
O processo de concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 13 de Março de 1946.

**O Engenheiro-Director**
*José Pais de Almeida Graça*



Ministério das Obras Públicas e Comunicações

## Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

**Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro**

*E. N. n.º 327 — Nos troços entre Mansores-S. João da Madeira e S. João da Madeira-Agoncida.*

Faz-se público que no dia 26 de Março de 1946, pelas 16,30 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 990 m³ de pedra britada de granito ou quartzo duro, a depositar nas bermas da estrada acima indicada.

**Base de licitação... 51.480$00**
**Depósito provisório 1.287$00**

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.
O processo de concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 13 de Março de 1946.

**O Engenheiro-Director**
*José Pais de Almeida Graça*



Aos Sócios da

**Associação de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas de Aveiro**

se informa que a

**Farmácia Morais Calado**, à Rua de Coimbra, devido ao seu amplo sortido de **especialidades farmacêuticas, produtos químicos** e **aparelhagem** própria para qualquer execução de *receitas manipuladas*, está apta a executar com todo o escrúpulo e rapidez todo o receituário que tenha o visto do director mesário.

No desejo de prestar aos seus Ex.mos clientes as maiores facilidades, a **Farmácia Morais Calado**, à Rua de Coimbra, **(Tel. 149)** envia os medicamentos ao domicílio.



## Comarca de Lisboa

8.º TRIBUNAL CIVEL

**Anuncio**

2.ª publicação

Pela 3.ª Secção do 8.º Tribunal Civel da comarca de Lisboa, correm éditos de 30 dias, a contar da publicação do último anuncio, notificando a comproprietária Amélia Rezende Bastos, casada com o agente de policia Manuel de Bastos, moradora que foi na freguesia de Esgueira, comarca de Aveiro, e agora em parte incerta de Lisboa, de que por despacho de 9 de Novembro de 1945, proferido nos autos de execução sumária que a firma Estabelecimentos Manuel A. F. Calado & C.ª L.da, move a Fernando Fernandes Gomes da Silva e mulher Maria Emília Branco Gomes da Silva, foi ordenada a penhora no direito e acção à 4.ª parte de cada um dos seguintes prédios, a qual, segundo escritura notarial de partilhas amigáveis, corresponde à metade da metade pelo poente que ao casal executado pertence em cada um dos ditos prédios e sôbre que recaiu a hipoteca da divida exequenda, podendo a mesma notificanda dentro do praso de três dias, depois de findo o dos éditos, fazer as declaracões que entender quanto ao direito dos executados e ao modo de o tornar efectivo, nos têrmos do art.º 863 do Código de Processo Civil, a saber: *a*)-o direito e acção à 4.ª parte duma morada de casas térreas, com terra de semeadura contigua, e mais pertenças, sita no Chão de Dentro, do logar do Solposto, freguesia de Esgueira, da comarca de Aveiro, inscrita na matriz sob os art.os 3.330 e 3,331 e descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 3.246 do livro B-86;—*b*)-o direito e acção à 4.ª parte do ribeiro de semeadura, com suas pertenças, sito no Prasinho, limite do Solposto, freguesia de Esgueira, da referida comarca, prédio inscrito na matriz sob os art.os 3.410 e 3412 e descrito na dita Conservatória sob o 32.347 do livro B-oitenta e seis.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1946.

O Juiz de Direito
*S. Pinto*

O Chefe da Secção
*Joaquim Augusto Martins Filipe*